

SOS MATA  
ATLÂNTICA



# FLORESTAS YPÊ

1 MILHÃO DE ÁRVORES PARA A MATA ATLÂNTICA

# Uma experiência que virou referência

A Mata Atlântica é o bioma brasileiro mais degradado e fragmentado. Além de zelar pela preservação e conservação de seus remanescentes, que se distribuem praticamente ao longo de toda a costa atlântica brasileira, a Fundação SOS Mata Atlântica tem agido para fomentar a recomposição dessa vegetação em áreas degradadas.

Essa é uma equação que precisa da colaboração de todos para ter êxito. Das organizações da sociedade civil, das empresas, de governos e dos cidadãos e cidadãs que habitam a região de abrangência da Mata Atlântica, que são muitos: cerca de 72% dos brasileiros.

Para nós, um compromisso e esforço constante. Nossos projetos de restauração já plantaram mais de 42 milhões em mais de nove estados e em 550 municípios, envolvendo cerca de 300 empresas.

E, dentro desse movimento, nossa parceria com a Química Amparo, detentora da marca Ypê, se desenvolve há 13 anos e celebra 1 milhão de árvores da Mata Atlântica plantadas. Essa é uma das poucas empresas a ter um número tão expressivo em plantio para

a recuperação da Mata Atlântica, motivada por uma preocupação genuína com legado e futuro das novas gerações. Não à toa, a Ypê tem sido agraciada com o prêmio Top of Mind como a marca mais lembrada em seu segmento.

Do lado da SOS Mata Atlântica, a busca pelo aperfeiçoamento e transparência em todo esse tempo de relacionamento impulsionou melhorias na gestão de parcerias com outras empresas. Uma experiência que virou referência.

O projeto é muito virtuoso na medida em que busca solucionar dois desafios ao mesmo tempo: recompor a Mata Atlântica e recuperar áreas degradadas em pequenas e médias propriedades rurais, que precisam cuidar de suas Áreas de Preservação Permanente, reservas legais ou ainda recuperar outras áreas para estar em acordo com o Código Florestal Brasileiro e com a Lei da Mata Atlântica.

A relação com a Ypê, mais do que uma parceria, é considerada por nós, da SOS Mata Atlântica, uma aliança em prol das gerações futuras, da recuperação do bioma e do cuidado com o planeta.



# Investimento ambiental orienta caminhos para a excelência operacional

Para a Ypê, cuidar do meio ambiente é coisa séria. Tão séria que celebramos, em treze anos de parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica, o plantio de 1 milhão de mudas de árvores nativas da Mata Atlântica. Zelar por esse bioma, em cuja área de ocorrência nossa empresa está localizada, e também onde a maioria de nós vivemos, é fundamental como legado para as futuras gerações e para o nosso bem-estar no planeta.

Nos envolvemos também em outro programa da Fundação, o Projeto Observando os Rios, que monitora e avalia a qualidade da água nos rios do bioma com apoio de voluntários, ao mesmo tempo em que mobiliza a sociedade civil para o aperfeiçoamento da legislação.

A Ypê foi escolhida em 2019, pela 13ª vez consecutiva, como a empresa mais lembrada pelos brasileiros quando pensam em preservação do meio ambiente. Para nós,

chegar ao plantio de 1 milhão de árvores é parte dessa trajetória, e reitera nosso compromisso em cuidar do ambiente, de nossa casa comum.

O meio ambiente é um dos pilares que sustentam a excelência operacional da Ypê, que busca desenvolver, implementar e gerir práticas - em conjunto com nossos parceiros - que estimulem a preservação ambiental, a utilização racional dos recursos naturais, a conformidade com requisitos legais e a consolidação da cultura ambiental na execução de nossas atividades.

Em 2020, completamos 70 anos. É momento de celebrar com nossos parceiros, mas também de reiterar nosso compromisso em deixar um legado de cuidado com o meio ambiente para as futuras gerações. Mais verde, mais água, mais Mata Atlântica e mais qualidade de vida para todos nós.





ENTREVISTA

## A união dos três setores da sociedade pelo desenvolvimento sustentável

Em entrevista exclusiva para a Fundação SOS Mata Atlântica, o ecólogo e professor do Instituto de Biociências da USP, Jean Paul Metzger, aponta a importância do comando e controle e da fiscalização para manter de pé os biomas e garantir todos os benefícios que eles trazem. Também destaca a importância de acionar mecanismos econômicos e de incentivo em arranjos que potencializam a eficácia da proteção dos ecossistemas.

O ecólogo reconhece, ainda, a importância de iniciativas locais, de pequena e média escalas, para a restauração e conservação dos biomas, elogia a legislação brasileira e a Lei da Mata Atlântica, mas admite a dificuldade de garantir seu cumprimento.

### Partindo da constatação de que a humanidade não vive sem a natureza, como está nossa relação com o planeta hoje?

**Jean Paul Metzger** - As notícias não são boas. Alguns relatórios mundiais, como o do [Instituto do Milênio](#), e mais recentemente o do [IPBES](#), que envolvem cientistas de diferentes países e têm abrangência ampla, mostram que já degradamos boa parte dos sistemas naturais. Pelo menos 50% do globo está muito alterado, e os outros 50% também são afetados por nós.

“

**Precisamos das ONGs dando voz à vontade da sociedade e da capacidade econômica e política que é provida pelo governo e pelas empresas. A mudança só vai ocorrer por meio de um funcionamento sincrônico e harmônico desses três setores da sociedade”, diz ele.**

Isso impacta o bem-estar de uma parcela muito grande da população. Segundo os relatórios do IPBES, cerca de 3,2 bilhões de pessoas são afetadas negativamente pela degradação ambiental. O custo econômico é de 10% do PIB mundial, seja ligado a investimentos que precisam ser feitos para recuperação de serviços ecossistêmicos ou perdas porque não estamos otimizando de forma adequada os serviços providos pela natureza.

Quando falamos do impacto humano sobre a natureza, parece haver uma dicotomia: o

homem de um lado e a natureza de outro. Não apenas dependemos da natureza, mas também fazemos parte dela. As visões mais modernas dessa relação homem e natureza entendem que se trata de um sistema socioambiental em que o homem é parte importante, porque ele tem o poder de moldar e alterar o ambiente onde vive.

**Apesar desse quadro, temos algum sinal de que esse movimento destrutivo da natureza, acelerado no Antropoceno, pode ser estancado e mesmo revertido?**

Existem iniciativas globais, como as das Nações Unidas, as Metas de Aichi, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, além de organizações internacionais dedicadas a isso. A OMS (Organização Mundial de Saúde) está sendo muito ativa neste momento, no caso da pandemia da Covid-19. Existe uma certa governança global que tenta orientar os diferentes países para uma mudança, uma reversão do processo de degradação. Mas essas iniciativas, por enquanto, não estão sendo suficientes.

Por outro lado, existem outras ações, em escalas mais locais, dentro de comunidades, de povoados e de territórios de populações tradicionais, que conseguem ser mais bem-sucedidas nessa convivência harmônica com o ambiente. Existe, por exemplo, uma iniciativa mundial de mapear, enumerar, detalhar e

“

**Entendo que as ONGs são uma forma de representar, de organizar as demandas da sociedade e, ao mesmo tempo, potencializar essa execução através da pressão que elas podem exercer sobre o poder público. As ONGs são grandes catalisadoras de transformação.**



dar mais transparência para ações pequenas, que são chamadas de sementes para o bom Antropoceno. Esforços locais que conseguem, na escala de pequenas comunidades, viabilizar atividades econômicas junto com conservação do ambiente, com bem-estar, de uma forma mais democrática, influenciando todo mundo e não apenas alguns grupos mais privilegiados. O grande desafio, mesmo com as sementes inspiradoras, é ganhar escala.

E, para isso, temos duas opções. Uma delas é multiplicar as ações locais. Uma ação de baixo para cima. A segunda é que, além de multiplicar as sementes locais, temos que criar um ambiente global de governança, que vá envolver uma mudança no sistema de produção agrícola e de produção energética, uma mudança no pensar econômico. Que não precisa ser moldado só para o crescimento, e que pode ser pautado por uma melhor distribuição das riquezas que a gente tem. E tudo isso exige, obviamente, mudança política, um equilíbrio melhor das forças econômicas. A gente precisa formar uma nova geração de pessoas com esse pensar mais colaborativo, colocando a coletividade de fato em foco.

**Como vê o papel de empresas, governos e organizações da sociedade civil nesse processo?**

Nenhuma dessas entidades consegue, sozinha, fazer a mudança. Entendo que as ONGs são



uma forma de representar, de organizar as demandas da sociedade e, ao mesmo tempo, potencializar essa execução através da pressão que elas podem exercer sobre o poder público. As ONGs são grandes catalisadoras de transformação.

Contudo, apesar de sua potência, as ONGs não têm como papel provocar grandes mudanças estruturais. Esse é o papel do governo, a partir de recursos financeiros, que muitas vezes podem vir de impostos. E as empresas também exercem um papel importante no campo, até porque elas, muitas vezes, geram impactos positivos. Ou ainda acabam fazendo transformações salutares vinculadas à sua imagem, à sua marca.

Precisamos das ONGs dando voz à vontade da sociedade e da capacidade econômica e política que é provida pelo governo e pelas empresas. A mudança só vai ocorrer por meio de um funcionamento sincrônico e harmônico desses três setores da sociedade.

### **Além da importância da preservação dos biomas, da fiscalização e controle, é cada vez mais preciso restaurar, curar o que foi devastado, certo?**

Estamos entrando na Década das Nações Unidas para Restauração de Ecossistemas (2021-2030). Boa parte do nosso crescimento

econômico se deu por meio da degradação dos recursos naturais. E se a gente quiser continuar a crescer economicamente, vamos ter que, de alguma forma, recuperar recursos. A restauração é uma das grandes soluções que permitem fazer essa reversão. Alguns países conseguem, inclusive, gerar um sistema econômico ligado à restauração: ao mesmo tempo em que promovem a recuperação ambiental, impulsionam a geração de riqueza por meio da criação de empregos e de novas tecnologias.

Olhando mais especificamente para a questão de cobertura florestal, já temos exemplos de países que passaram de uma tendência de redução dessa cobertura para a sua recuperação. Parte da Europa já passou, por exemplo, pela transição florestal. Alguns países da América Central também, como Costa Rica, Porto Rico, Nicarágua, Guatemala.

O próprio estado de São Paulo está passando por um processo de reversão. Até a Mata Atlântica como um todo, se a gente não colocar lupa no detalhe de cada região, já está num momento de inflexão da curva e recuperando a cobertura. Existem caminhos para reverter quadros de degradação e ter benefícios econômicos e de bem-estar e saúde para a sociedade.

### **Quais são as oportunidades trazidas pela restauração e por outras Soluções Baseadas na Natureza?**

As Soluções Baseadas na Natureza (SBNs) são inspiradas nos benefícios que a natureza traz para o homem, que conseguem incorrer ao mesmo tempo em recuperação ambiental, em bem-estar social e benefícios econômicos. Eu diria que as SBNs são soluções baseadas nos serviços ecossistêmicos, que são todos os benefícios que a natureza oferece, seja na forma de bens - como madeira, água -, mas também de regulação do clima, da qualidade da água, de fluxos de terra para evitar erosão, deslizamentos, enchentes. E outros que vão afetar diretamente a agricultura, como polinização e controle de pragas.

Temos também benefícios que são mais culturais, que têm a ver com atividade de recreação, com o prazer estético de apreciar a natureza e todo o bem-estar espiritual e psicológico que isso pode promover.

### **O Pagamento por Serviços Ambientais é um dos mecanismos possíveis para avançar na recuperação e na preservação?**

O Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) é uma das soluções sim. Uma forma de estimular um proprietário a fazer ações de conservação ou de restauração. O pagamento, em poucas ocasiões, vai ser maior do que o lucro que o proprietário poderia ter com o uso da área. Em regiões de pecuária degradada, por exemplo, o ganho do proprietário é muito

pequeno e ele vai ter muito mais vantagem recebendo um pagamento para restaurar e conservar a área.

Em alguns casos, o PSA, de forma isolada, vai ser uma solução importante. Mas, em geral, o PSA tem que ser combinado com algum outro tipo de empreendimento. Se você alia o pagamento ou condiciona uma linha de crédito agrícola à obediência da legislação, potencializa a ação do instrumento.

Muitas vezes ele é entendido como uma ‘bala de prata’, como solução que vai resolver todos os nossos problemas. Mas a gente tem que aliar o PSA com outras políticas, para que ele tenha escala e potência.

### **Você faria um exercício de futuros possíveis nessa relação humanidade e ambiente?**

Vejo que temos forças antagônicas atuando ao mesmo tempo. Movimentos internacionais, instrumentos como o Acordo de Paris para a questão das mudanças climáticas, as Metas de Aichi, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, enfim, há todo um aparato e um movimento em direção a um futuro mais sustentável. Temos também, em escalas locais, aquelas iniciativas que já mencionei, as sementes de um bom futuro Antropoceno. Mas, ao mesmo tempo, temos, em um outro sentido, forças que olham muito mais em



“

**Nesse bioma temos populações que vão ficar cada vez mais vulneráveis a eventos extremos - como deslizamentos, enchentes, pandemias, problemas de saúde ligados a saneamento básico deficiente.**

benefício próprio, que não se preocupam tanto com o que vai acontecer no futuro, enxergam muito a curto prazo.

Dessas forças antagônicas, eu não sei o que vai prevalecer. O que eu vejo, e principalmente agora que estamos vivendo uma pandemia, é que as crises e esses momentos de medo de morte, medo de mudanças profundas, de incertezas, possam ser disparadores de mudanças mais positivas. A pandemia pode ser um desencadeador de uma mudança da relação que a gente vai ter com o ambiente.

Não sei o que vai acontecer, mas ponho uma fé que a humanidade vai sempre encontrar uma

forma de sobreviver. Ponho fé nas gerações que estão por vir, que essa mudança ocorra ao longo do tempo.

### **Qual a importância da preservação e da restauração da Mata Atlântica no combate à emergência climática?**

A Mata Atlântica tem uma dupla característica que é interessante. Ela está ao mesmo tempo onde boa parte da população vive, e onde uma boa parte das pessoas mais vulneráveis vive. As zonas costeiras são áreas mais suscetíveis às mudanças climáticas, e eu diria que áreas

urbanas também são. A Mata Atlântica tem tudo isso. Está em boa parte da nossa costa atlântica e abriga grandes cidades brasileiras.

Nesse bioma temos populações que vão ficar cada vez mais vulneráveis a eventos extremos - como deslizamentos, enchentes, pandemias, problemas de saúde ligados a saneamento básico deficiente.

E a Mata Atlântica é o bioma mais degradado do Brasil, mas é também onde a gente tem mais oportunidade de restauração. Inclusive onde há uma demanda legal de restauração maior, de pelo menos 5 milhões de hectares a serem restaurados unicamente através da efetivação da lei de proteção da vegetação nativa, pelo Código Florestal. Essa dupla condição, de ter essa população mais vulnerável e de ter muitas oportunidades de restauração, faz com que a restauração tenha um benefício direto para uma grande parte da população.

Por outro lado, também na área da Mata Atlântica estão localizadas algumas das ONGs mais ativas do país. Isso faz com que tenhamos todas as condições econômicas, de governança, de mobilização popular, para promover uma restauração que vai beneficiar nossa população e, em particular, os mais vulneráveis.

## Como evidenciar para essas mais de 140 milhões de pessoas que vivem na região de Mata Atlântica essa relação direta que a conservação ou a degradação do bioma pode ter no dia a dia?

Não é uma questão de falta de informação. Essa população tem informação, sabe que o bioma é importante para a questão de água, para a mudança climática. Muitas vezes consegue perceber que essa mata protege, evita enchente, deslizamentos, ou que traz benefícios em termos de ter um clima mais ameno. Acho que a questão está ligada à conscientização e à ligação afetiva.

Muitas pessoas que moram na cidade têm a impressão de que a Mata Atlântica está longe. Como aquela dicotomia homem-natureza. Isso é ruim porque traz o sentimento de que você não pertence à Mata Atlântica. Temos que romper com essa ideia. Por exemplo, para quem mora em São Paulo, o Parque do Trianon, o Parque Burle Marx, o Jardim Botânico, a Cantareira, a Serra do Mar, tudo isso é Mata Atlântica. Temos testemunhos ou elementos de Mata Atlântica e várias espécies nativas nas nossas praças.

A primeira coisa que temos que deixar claro é que estamos dentro da Mata Atlântica, a gente faz parte dela. Ela faz parte do nosso ambiente de vida do dia a dia. E isso é importante se a gente quiser criar uma ligação afetiva das pessoas com esses pedaços de mata.

“

No papel, a nossa legislação é ótima. O problema é que a gente não cumpre.

Precisamos de programas mais efetivos de facilitação de visita a parques, ou ainda a criação de áreas verdes perto do perímetro urbano. O estímulo da convivência vai criar uma ligação afetiva. E por meio dessa relação emocional vamos conseguir promover um convívio mais harmônico com ela.

### Como avalia a legislação ambiental brasileira e a lei da Mata Atlântica?

No papel, a nossa legislação é ótima. O problema é que a gente não cumpre. É, possivelmente, uma das mais restritivas no mundo. Nenhum outro país tem a figura da reserva legal. Temos uma legislação que é, comparada a outras legislações no mundo, restritiva, boa e ao mesmo tempo condizente

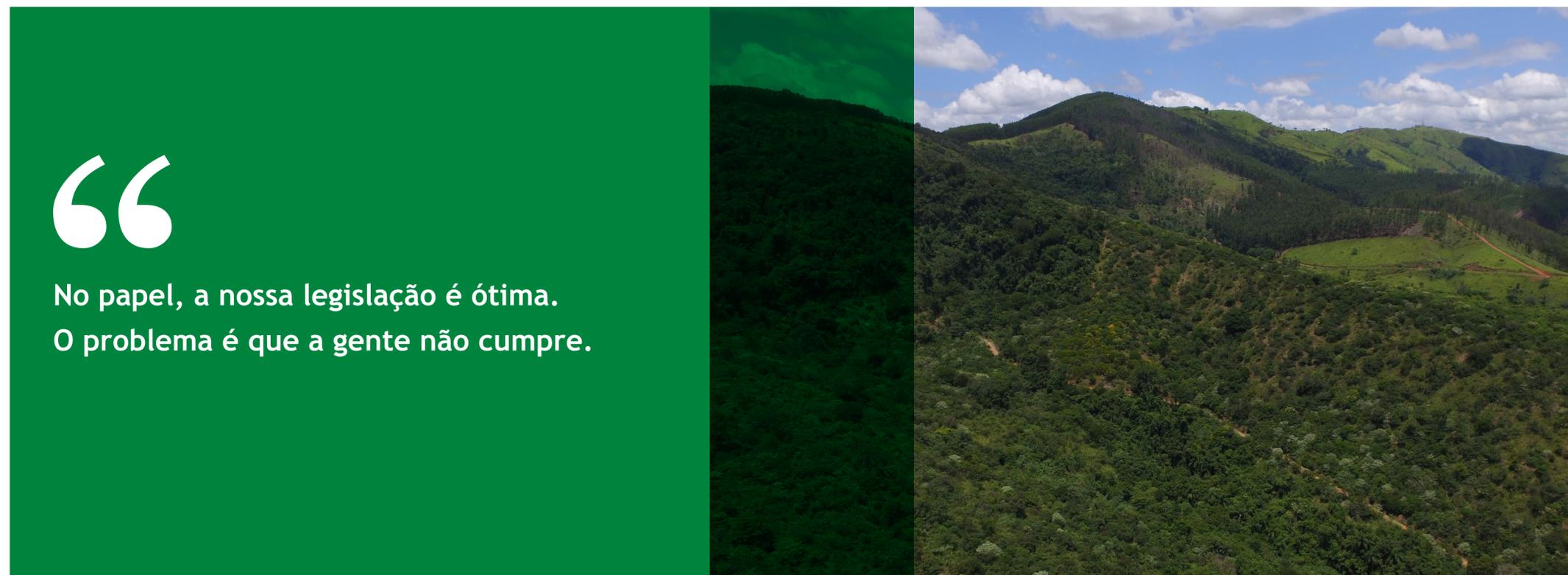
com a responsabilidade de sermos um país megadiverso.

Temos uma oportunidade que outros países possivelmente nem tiveram, principalmente os europeus e os Estados Unidos, de ter consciência de que essa natureza não é um impedimento ao crescimento econômico, muito pelo contrário. Ela traz uma série de benefícios, de serviços, e a gente pode não apenas conviver com ela, mas se beneficiar. O que é importante dizer é que a natureza é parte da solução, não é o problema.

A Lei da Mata Atlântica é ainda mais rígida. Estamos em um bioma que foi extremamente degradado, por onde os portugueses chegaram e por onde começou a nossa ocupação e degradação ambiental. E hoje em dia a gente sabe que não basta conservar o que sobrou.

É preciso estimular a recuperação, porque o que sobrou não é suficiente para que a mata se perpetue a longo prazo. Isso é condizente com o histórico, com a necessidade que a gente tem, inclusive ética, de conservar as espécies da Mata Atlântica e com a oportunidade de pensar nela como solução para nossos problemas também.

A grande questão é como a gente consegue fazer com que a legislação seja cumprida, o que obviamente depende de uma vontade política. Não adianta termos essa legislação e, ao mesmo tempo, governantes que estimulam o descumprimento dela, ou que reduzem todos os mecanismos de fiscalização. Para a lei ser cumprida, não apenas precisamos de instituições fortes e governança, mas também de um sistema de comando e controle e de fiscalização que seja efetivo.





## A importância da floresta em pé

A restauração de florestas e demais tipologias de vegetação mostra-se cada vez mais fundamental, não só pela conservação da biodiversidade, mas também do ponto de vista econômico, do bem-estar e da sobrevivência humana no planeta.

A emergência climática avança rapidamente com efeitos já perceptíveis, sobretudo pelas populações mais vulneráveis. A preservação e recomposição de vegetação é um dos pontos cruciais para amenizar temperaturas e evitar efeitos catastróficos de eventos intensos, como enchentes e deslizamentos, situações que já são presentes em áreas de ocorrência de Mata Atlântica muito urbanizadas.

Do ponto de vista econômico, destacam-se, com a restauração e a manutenção florestal, os chamados serviços ecossistêmicos, como

disponibilização de água, polinização, provisão de alimentos, controle de doenças e pragas, formação de solo, ciclagem de nutrientes, absorção de CO<sub>2</sub>, recursos genéticos ou medicinais, dentre muitos outros. Todos esses serviços impactam desde o bem-estar e a sobrevivência humana até a produção de alimentos, medicamentos e garantia de água, dentre outros.

Há ainda os serviços culturais, que incluem a importância cênica para o bem-estar psicológico e espiritual, recreação, educação e turismo. Pesquisas conduzidas por diversas organizações demonstram a importância do contato frequente com a natureza para a saúde física e psicológica das pessoas.



ENTREVISTA

## Ypê aposta no ativo ambiental como legado para as próximas gerações

Em 2020, a Ypê completou 70 anos e alcançou a marca de 1 milhão de árvores plantadas para recuperar a Mata Atlântica. Além do Florestas Ypê, a empresa também atua no projeto Observando os Rios, ambos em parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica.

Com investimentos para redução do uso de insumos, produção de embalagens mais sustentáveis, reciclagem e economia circular em sua cadeia produtiva, a Ypê – que é uma empresa de higiene e limpeza líder de mercado – pretende continuar a recuperar florestas.

“ Por 13 anos temos colaborado ininterruptamente com o plantio de árvores e recomposição de florestas. Esse é um legado que ficamos muito felizes e satisfeitos em deixar como herança e investimento para a qualidade de vida das gerações futuras”, afirma Waldir Beira Júnior, presidente da Ypê, nesta entrevista exclusiva para a SOS Mata Atlântica.

**Em 2020, a Ypê completou 70 anos. Como avalia essas sete décadas e o atual cenário de pandemia e crise econômica que enfrentamos neste momento? Quais as lições aprendidas e os desafios?**

Tivemos a felicidade de completar 70 anos da empresa, fundada em 1950 pelo meu avô e pelo meu pai. Passamos por muita coisa. Na década de 1970, tivemos a crise do petróleo; nos anos 1980, a inflação galopante, os vários projetos para tentar controlá-la e os pacotes econômicos; na década de 1990, a abertura

do mercado e o Plano Real, que modificou a estrutura econômica do país e melhorou também a competitividade; nos anos 2000, tivemos o aporte de muita tecnologia. E hoje chegamos à digitalização.

Foram períodos de aceleradas transformações e de grandes desafios. Meu pai tinha uma frase que repetia constantemente e que continua sendo nosso lema: “o trabalho tudo vence”. Em toda essa trajetória, buscamos compreender a conjuntura e ajustar nossas velas para ordená-las na direção do vento, mantendo sempre o rumo onde queríamos

chegar. Graças a esse trabalho, e também a toda a equipe que nos acompanha hoje – são cerca de 6,5 mil colaboradores –, tem sido possível o enfrentamento e o gradativo sucesso nas soluções dos problemas.

Em 2020 passamos por um dos momentos mais difíceis de nossa história, que foi a pandemia. Tivemos que, em um curtíssimo espaço de tempo, realizar inúmeras transformações na empresa: trabalho remoto em larga escala, adaptação das instalações fabris para que não houvesse risco para as pessoas e inúmeras outras frentes de trabalho para continuar produzindo, distribuindo e abastecendo o mercado, minimizando ao máximo o risco aos nossos colaboradores. Produtos de limpeza passaram a ser também produtos de saúde pública.

**A Ypê é uma empresa familiar, que tem em seu DNA a preocupação com o cuidado ambiental, e que aplica os valores ESG antes mesmo disso começar a ter a atenção das empresas brasileiras. Como isso se reflete na missão da empresa?**

Começo pela nossa atuação durante a pandemia. Como atuamos com vários movimentos sociais, fomos contatados por muitos deles para saber se tínhamos algum produto que substituísse o álcool em gel, naquele momento em que o produto sumiu



do mercado brasileiro em 2020. O álcool não estava em nosso portfólio de produtos, mas depois de três dias de intenso trabalho já estávamos produzindo. Até o final do ano passado, doamos 3 milhões e 300 mil frascos de álcool gel e líquido a hospitais, instituições públicas e serviços de segurança.

Também abrimos algumas frentes para doação de produtos como sabão em barra. Trabalhamos com a Santa Casa de Amparo na abertura de leitos de UTI e doamos equipamentos que possibilitaram a ampliação do atendimento à população.

Sempre trabalhamos próximos à comunidade.

Esse valor está presente na organização desde seu início. Meu pai, fundador, e minha mãe, hoje atuante no Conselho de Administração, criaram há 45 anos uma instituição que atende crianças de Amparo e região, e que hoje é apoiada pela empresa.

ESG (do inglês, environmental, social and governance, ou, em tradução livre, meio ambiente, social e governança) então era algo que já estava presente na empresa mesmo antes de conhecermos essa nomenclatura. As nossas ações já se pautavam por essa filosofia. O que buscamos fazer agora é organizar as iniciativas nesse sentido para poder dar visibilidade a elas para os nossos

colaboradores - que acabam sendo as pessoas que tornam isso possível - e também para a sociedade.

**Em seu manifesto, “Vale mais cuidar”, a Ypê destaca que cuidar é ‘se interessar por tudo à nossa volta’, o que evoca um ponto importante nesse momento em que vivemos, que é a empatia. Como a atuação da Ypê se conecta com uma visão de futuro sustentável para as próximas gerações?**

A sociedade, as organizações e as pessoas estão em um momento em que não se deve considerar crescer a qualquer custo. O crescimento da sociedade como um todo trouxe, muitas vezes, alguns problemas para a sustentabilidade do planeta.

Esse manifesto existe porque acreditamos ser mais importante o cuidado neste momento. O cuidado com aquilo que já conquistamos e para manter o mundo em condições de receber as próximas gerações como um lugar de qualidade de vida digna, estável e saudável.

E uma das frentes que julgamos imprescindíveis para isso é a sustentabilidade, em seu aspecto ambiental. Há muitas iniciativas na empresa para a redução de uso de insumos, maior eficiência dos produtos, redução da emissão de gases de efeito estufa, de geração de embalagens mais sustentáveis e também uma preocupação com a economia

circular, com a reciclabilidade de grande parte dos produtos que colocamos no mercado. Hoje, por exemplo, em uma das linhas de embalagens, nós conseguimos utilizar 50% de PET reciclado. Mas entendemos que esse tipo de ação é uma obrigação para a empresa. Podemos e queremos fazer mais.

Em 2007, preocupados com a questão ambiental, passamos a participar do projeto Florestas do Futuro e começamos nosso próprio projeto, o Florestas Ypê, em parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica. Passamos a apoiar essa iniciativa imprescindível da Fundação para recompor a vegetação da Mata Atlântica e recuperar áreas degradadas.

Além de proteger o solo e favorecer a biodiversidade, quando nós plantamos árvores, nós também plantamos água, uma vez que as florestas favorecem a melhoria dos lençóis freáticos e, portanto, a maior disponibilidade de água de qualidade para a sociedade.

**O Florestas Ypê completou um milhão de árvores plantadas no ano passado, coincidindo com os 70 anos da empresa. Vocês imaginavam chegar nesse número quando começaram a parceria com a SOS Mata Atlântica?**

“

**Em um primeiro momento não tínhamos uma meta de quantidade de árvores a serem plantadas, mas achávamos importantíssimo plantar. Hoje ficamos satisfeitos e honrados de ter realizado um plantio tão relevante: 1 milhão de árvores.**



Quando nós iniciamos esse projeto, assumimos o compromisso com a SOS Mata Atlântica de investir na montagem de um viveiro para a produção de mudas e plantar 200 mil árvores. Mas o projeto aconteceu de uma maneira tão bacana e foi tão satisfatório o resultado, que renovamos os compromissos e os investimentos.

Em um primeiro momento não tínhamos uma meta de quantidade de árvores a serem plantadas, mas achávamos importantíssimo plantar. Hoje ficamos satisfeitos e honrados de ter realizado um plantio tão relevante: 1 milhão de árvores.

**A Ypê foi Top Of Mind por 13 anos seguidos até 2019. Como avalia esse reconhecimento pelo consumidor?**

A primeira sensação que isso nos traz é de muita responsabilidade. Porque quando aumenta a expectativa que as pessoas e as organizações têm sobre uma marca, aumenta muito a responsabilidade daquilo que entregamos. Mas é também um feedback da sociedade, dos consumidores, que estão reconhecendo os nossos esforços.

E os nossos esforços vão em múltiplas frentes. Além de tudo que já abordamos aqui, atuamos em outra parceria com a SOS Mata Atlântica no projeto Observando os Rios. Acreditamos que a somatória das ações para garantir

mais sustentabilidade aos nossos processos produtivos – do Florestas Ypê, Observando e outros projetos – tem repercutido favoravelmente junto à sociedade, que quando é questionada sobre uma marca engajada cita a Ypê.

É um feedback muito positivo para nós e para a própria SOS Mata Atlântica, que também tem o seu trabalho reconhecido pelas pessoas.

### Como a empresa enxerga o ativo ambiental na estratégia de negócios?

O ativo ambiental é dos mais importantes para a empresa. Porque tem a ver com a sustentabilidade em seu conceito mais amplo. Não apenas no aspecto da ecologia, mas também do negócio, da operação, e da própria sustentabilidade da sociedade.

A sustentabilidade está atrelada à perenização da existência da empresa. Para perenizar uma organização é necessário cuidar da sociedade, do meio ambiente e do próprio negócio. É assim que nós continuaremos a oferecer algo de valor a todos, colaborando para a construção de um mundo melhor.

Esse mundo melhor só vem com o cuidado, com esse ativo que é a preocupação e a ação efetiva para manter uma pegada sustentável em tudo que se faz.

### Como você visualiza a Ypê no futuro, e também o Florestas Ypê?

Continuaremos trabalhando para agregar tecnologia ao que fazemos, mas não a qualquer custo. Tecnologia responsável, buscando a redução de desperdício e a otimização de todos os processos para empregar o mínimo de recursos necessários para a produção e a distribuição de nossos produtos. Eficiência é a palavra-chave nessa questão.

Quando saímos de um produto tradicional para um concentrado, por exemplo, empregamos menos recursos para sua produção. Aplicamos menos água, menos embalagem, menos energia e, portanto, esse produto tende a ser mais sustentável.

Nós também temos o papel de colaborar com o conhecimento da sociedade para fazer escolhas, ajudar no consumo consciente e evitar o desperdício. Muitas vezes os nossos produtos são utilizados com água, por exemplo, então devemos mostrar como não gastar mais água do que seria necessário.

E nesse futuro nós vemos com muito bons olhos a continuidade no plantio das árvores. É uma coisa que não pode parar de um momento para outro e que deve se perpetuar, porque ainda há muitas áreas a serem recuperadas no nosso país e, particularmente, nas áreas antigamente ocupadas pela Mata Atlântica. Queremos seguir colaborando com as florestas e com a construção de um mundo melhor.

“

Nós também temos o papel de colaborar com o conhecimento da sociedade para fazer escolhas, ajudar no consumo consciente e evitar o desperdício.



CAPÍTULO 1

# Panorama



A iniciativa Florestas do Futuro Voluntário, implementada pela Fundação SOS Mata Atlântica em parceria com sociedade civil, iniciativa privada, proprietários de terra e poder público, tem o compromisso de reunir todos em torno da restauração florestal. Iniciado em 2005, o programa já viabilizou o plantio de 8,3 milhões de mudas de espécies nativas do bioma.

Desse total, 1 milhão vem do Florestas Ypê, iniciado em 2007 em parceria com a empresa Química Amparo, detentora da marca Ypê. Os plantios contemplam Áreas de Preservação Permanentes (APPs) e de Reserva Legal localizadas às margens de rios e mananciais.

A ação promove a restauração florestal em pequenas e médias propriedades rurais, cujos responsáveis teriam dificuldade para recompor a vegetação em razão dos custos e cuidados necessários. E já são muitos os resultados a comemorar!

Entre elas, a Ypê ter sido escolhida marca Top of Mind por 13 vezes consecutivas pelos brasileiros como mais lembrada quando se pensa em preservação do meio ambiente.



# Linha do tempo



**2007**

Início da parceria entre Ypê e SOS Mata Atlântica, com plantio de 200 mil mudas

Ypê passa a ser escolhida pelos brasileiros marca Top of Mind como a mais lembrada quando se pensa em preservação do meio ambiente, posição que continuaria a ocupar nas 12 edições seguintes



**2015**

A empresa torna-se a primeira, entre as parceiras da SOS Mata Atlântica, a apoiar projetos simultaneamente nas agendas de água e florestas



**2017**

A Ypê contabiliza o plantio de 650 mil mudas e traça a meta de alcançar 1 milhão de árvores plantadas para celebrar seus 70 anos.



**2020**

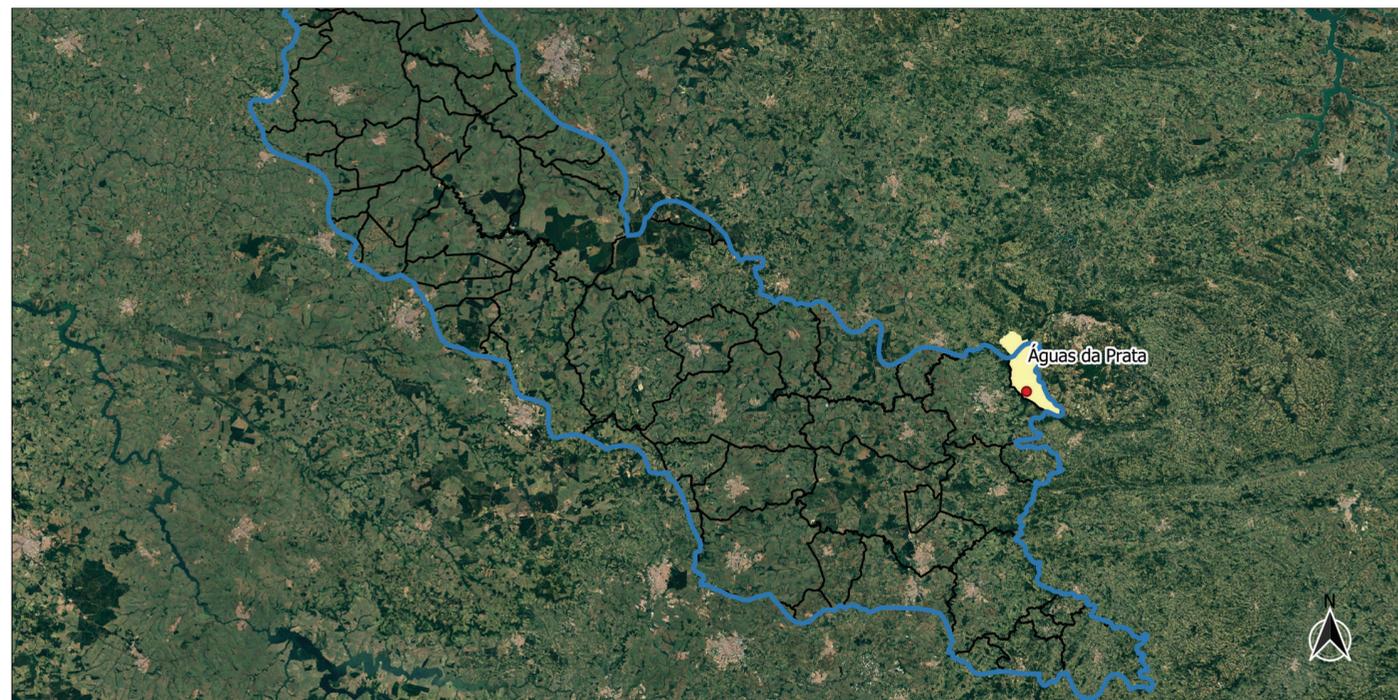
O Florestas Ypê alcança a marca de 1 milhão de mudas plantadas.



# Locais de plantio



# Áreas contempladas

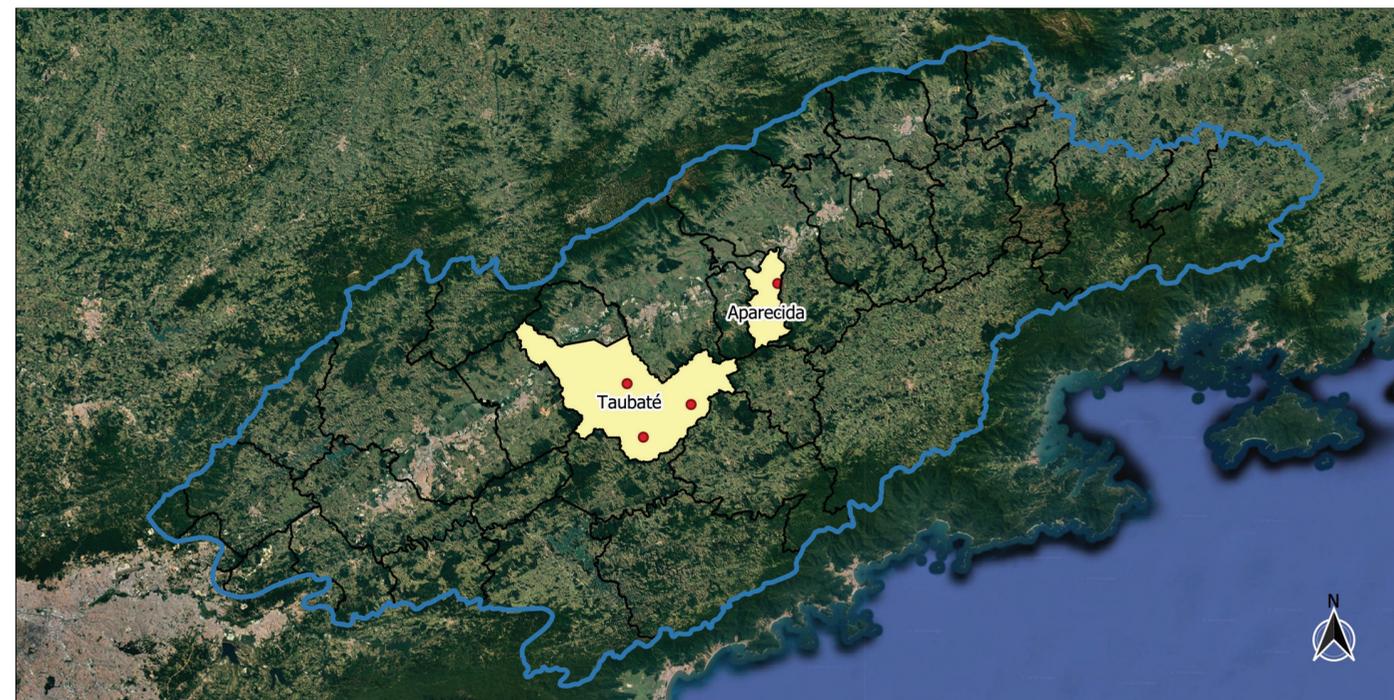


Localização de Projetos Patrocinados pela Ypê na UGRHI 09

## Mogi-Guaçu



Fontes: SOS Mata Atlântica, IBGE, DataGEO (infraestrutura de dados espaciais do Estado de São Paulo), IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico), UGRHI (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos).



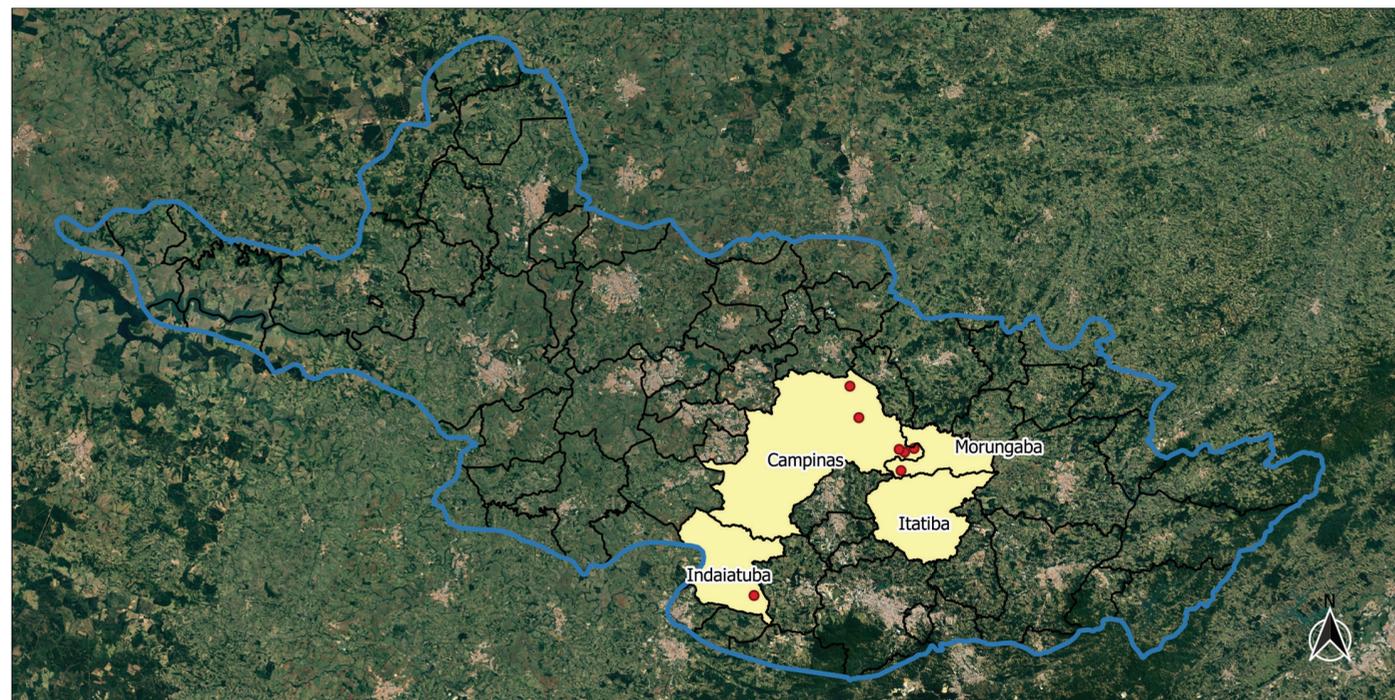
Localização de Projetos Patrocinados pela Ypê na UGRHI 02

## Paraíba do Sul

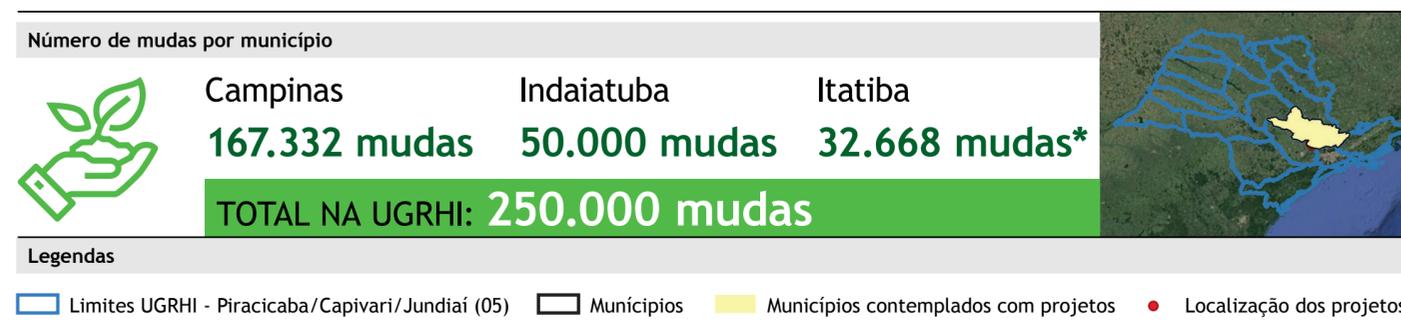


Fontes: SOS Mata Atlântica, IBGE, DataGEO (infraestrutura de dados espaciais do Estado de São Paulo), IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico), UGRHI (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos).

# Áreas contempladas

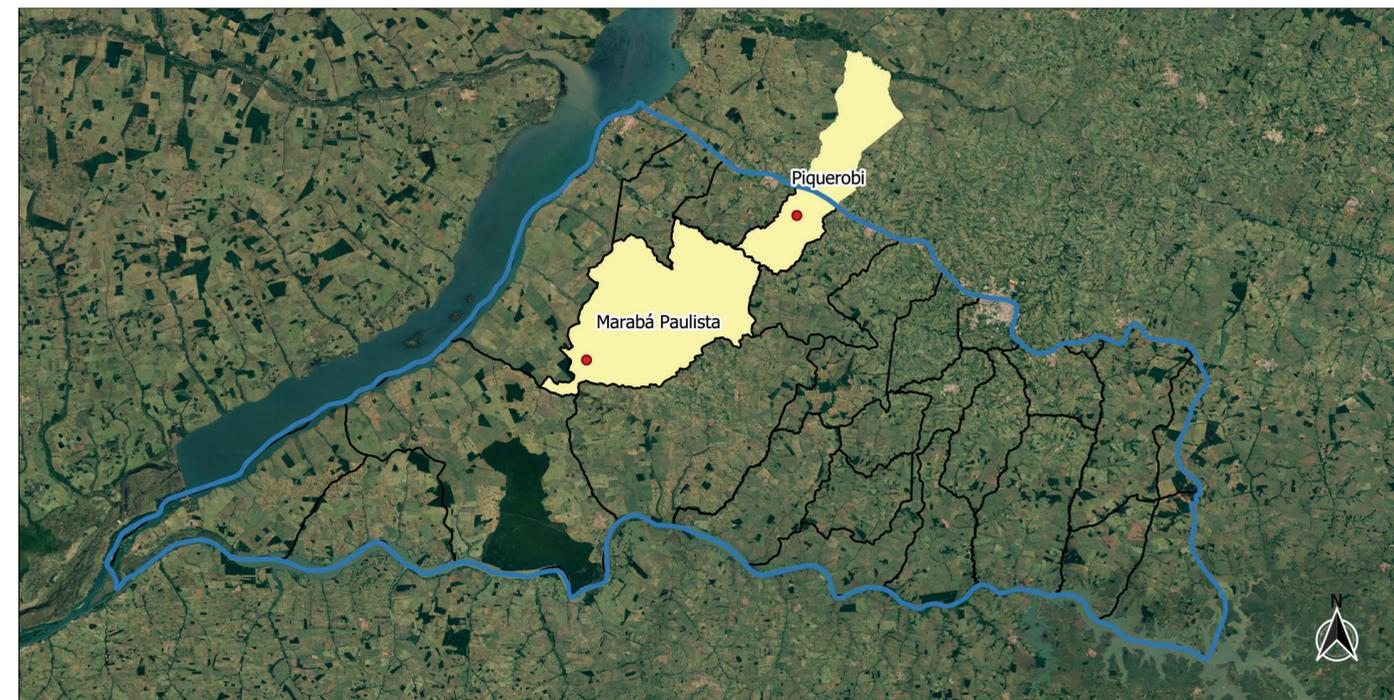


Localização de Projetos Patrocinados pela Ypê na UGRHI 05  
**Piracicaba / Capivari / Jundiá**

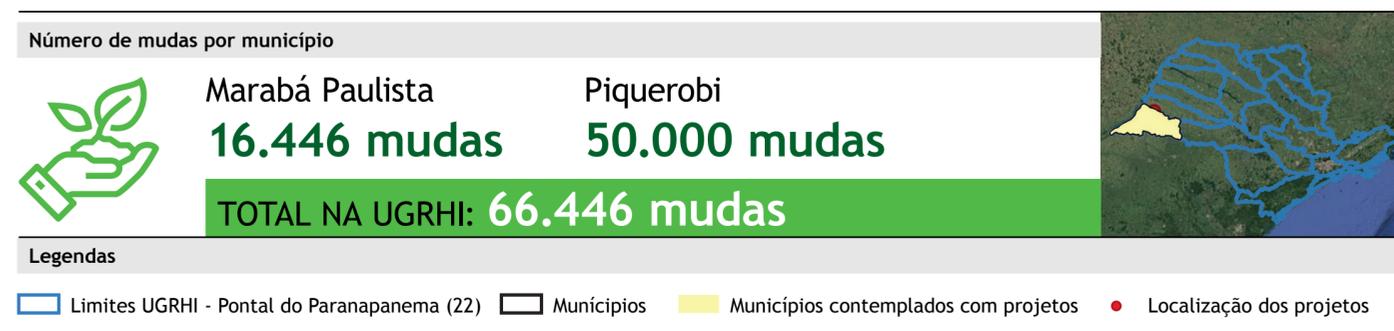


Fontes: SOS Mata Atlântica, IBGE, DataGEO (infraestrutura de dados espaciais do Estado de São Paulo), IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico), UGRHI (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos).

\*O Projeto de Itatiba encontra-se na divida com o município de Moringaba.

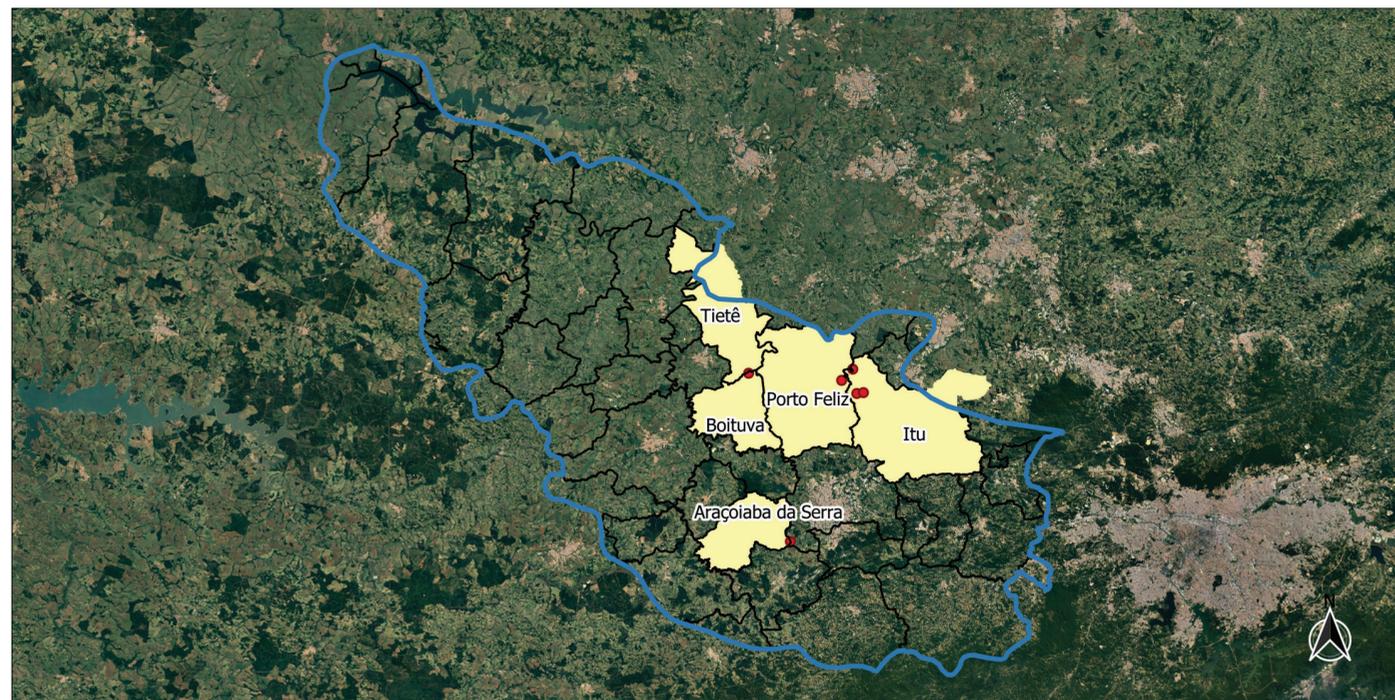


Localização de Projetos Patrocinados pela Ypê na UGRHI 22  
**Pontal do Paranapanema**

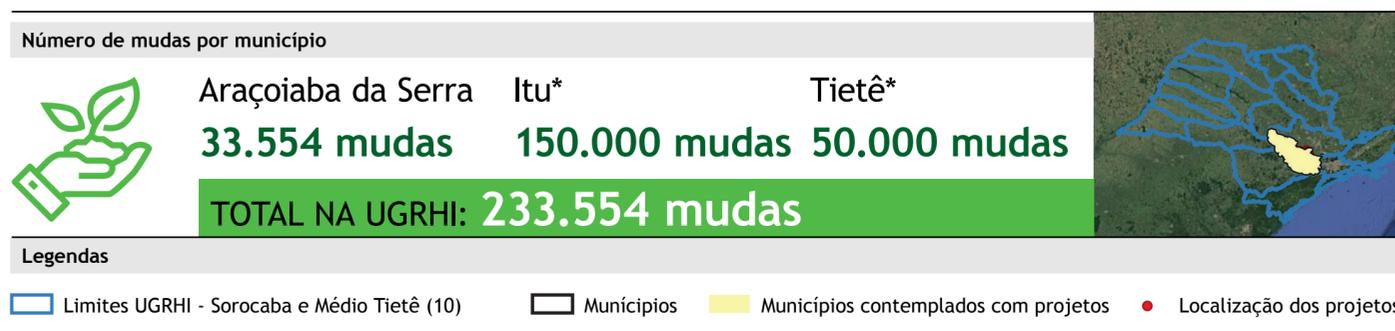


Fontes: SOS Mata Atlântica, IBGE, DataGEO (infraestrutura de dados espaciais do Estado de São Paulo), IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico), UGRHI (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos).

# Áreas contempladas

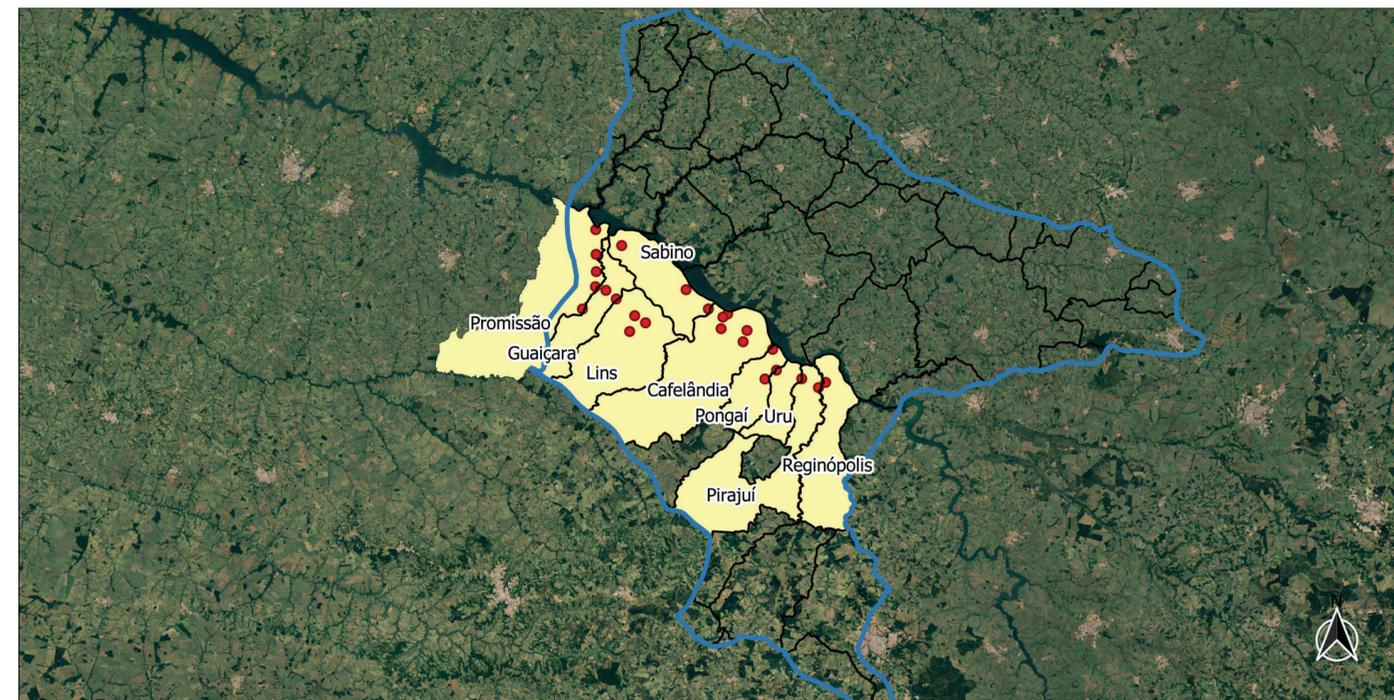


Localização de Projetos Patrocinados pela Ypê na UGRHI 10  
**Sorocaba e Médio Tietê**



Fontes: SOS Mata Atlântica, IBGE, DataGEO (infraestrutura de dados espaciais do Estado de São Paulo), IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico), UGRHI (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos).

\*Parte do projeto encontra-se em cidades limítrofes (Boituva e Porto Feliz).



Localização de Projetos Patrocinados pela Ypê na UGRHI 16  
**Tietê-Batalha**



Fontes: SOS Mata Atlântica, IBGE, DataGEO (infraestrutura de dados espaciais do Estado de São Paulo), IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico), UGRHI (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos).

Os projetos localizados na UGRHI 16 - Tietê -Batalha são distribuídos pelos municípios acima, a margem do Rio Tietê e seus afluentes.



## Responsabilidade compartilhada

Já há muito se sabe que problemas complexos raramente são solucionados com a atuação de uma só organização ou setor. E o Florestas Ypê é exemplo de como a atuação conjunta de empresas, sociedade civil organizada e academia consegue responder de modo mais amplo à necessidade de restauração da Mata Atlântica.

Nas regiões de ocorrência do bioma, existem áreas que precisam ter sua vegetação restaurada e proprietários interessados nessa recuperação, seja por necessidade de atender à legislação ou por iniciativa voluntária.

Assim, a SOS Mata Atlântica entra em contato com organizações da sociedade civil e outras iniciativas voltadas à conservação e preservação nos municípios e divulga a busca por áreas para realizar os plantios. Da parceria

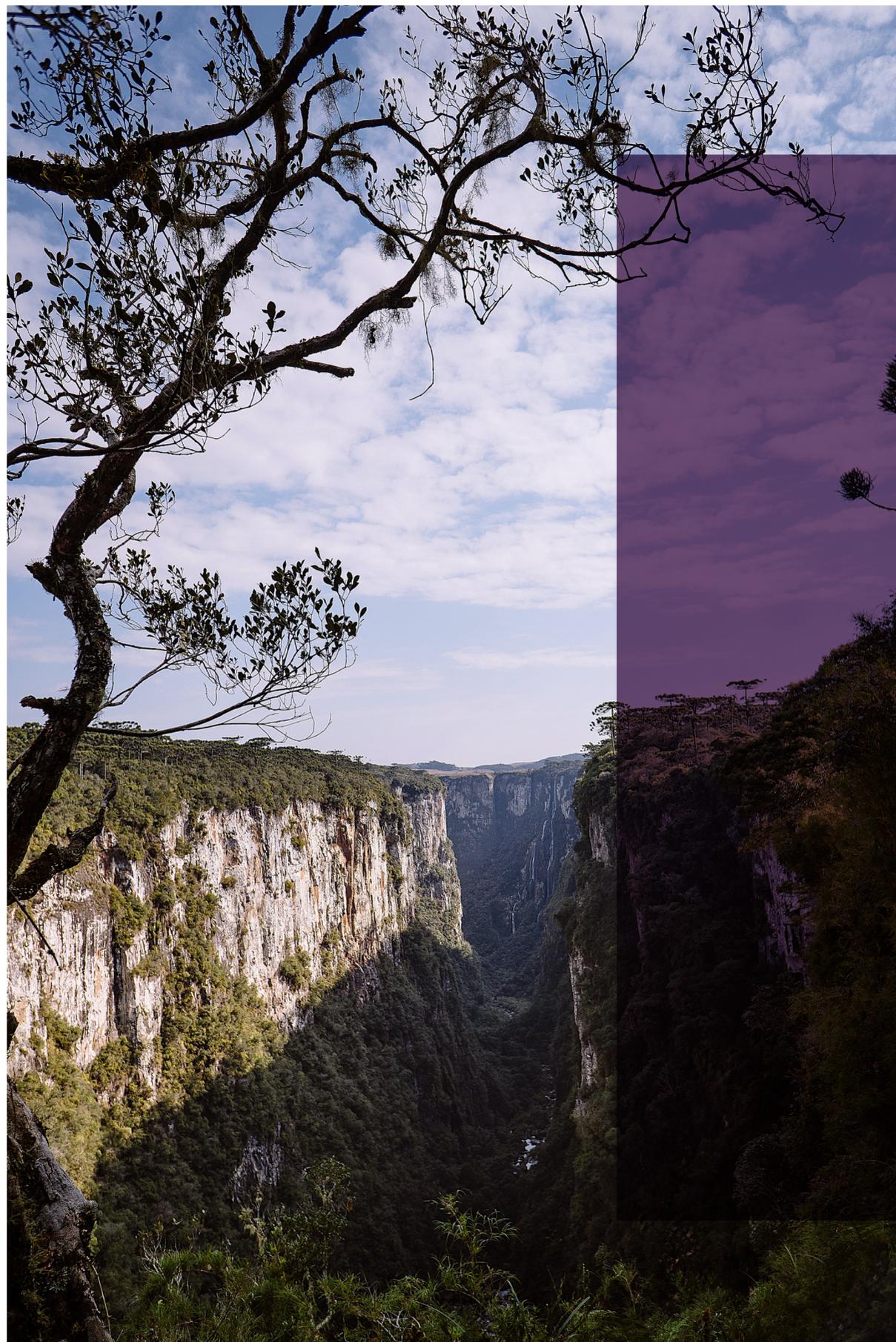
com esses atores locais são apontadas as áreas possíveis para restauração em cada região.

Os proprietários de terra entram com a área que precisam ou querem restaurar, a SOS Mata Atlântica mobiliza esses proprietários e técnicos para realização e manutenção dos plantios - que quase sempre são contratados nas regiões em que são plantadas as árvores, bem como viveiristas locais e/ou regionais -, e empresas como a Ypê financiam o plantio das árvores.

Assim, a partir da junção de todas essas forças, a Mata Atlântica, bioma que foi o mais degradado do país, é restaurada.

CAPÍTULO 2

Conexão: Local e Global



Em diversas instâncias mundiais existe um movimento para recuperar e preservar o ambiente e trazer com ele mais bem-estar e saúde para as populações da Terra. De busca de equilíbrio e igualdade. De promover mitigação e adaptação à emergência climática.

Esse movimento é liderado em grande parte pela Organização das Nações Unidas (ONU), que busca estabelecer metas e indicadores para a atuação global pelo cuidado com nossa casa comum.

É nesta direção, por exemplo, que surgiram agendas como os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável); o Acordo de Paris, voltado à emergência climática; as Metas de Aichi, estabelecidas durante a 10ª Conferência das Partes sobre Diversidade Biológica em 2010 - e que deveriam ser executadas até 2020, o que vai demandar novo pacto.

Os países têm metas a concretizar nesse quadro mundial. Algumas mais ambiciosas, outras menos. E é inegável a importância das ações locais e regionais para que essas metas sejam alcançadas. É no nível local que as

pessoas sentem os efeitos diretos de políticas públicas, ou da ausência delas, em relação ao meio ambiente, e também os reflexos em sua qualidade de vida.

E é também no nível local e/ou regional que proliferam iniciativas como o Florestas do Futuro Voluntário, implementada pela SOS Mata Atlântica junto com várias empresas para promover a restauração desse bioma.

Cidades, estados, regiões metropolitanas têm legislações próprias, compatibilizadas com a legislação federal, e todos contribuem para alcançar as metas e ambições nacionais no quadro mundial. São também, dessa maneira, importantes para as ambições planetárias.

O Brasil assumiu, no Acordo de Paris, a meta de restaurar 12 milhões de hectares de vegetação até 2030. A Mata Atlântica, da qual resta de sua cobertura original apenas 12,4%, é um dos biomas que mais deve contribuir para o cumprimento dessa meta a partir da restauração florestal.

O Código Florestal Brasileiro (2012) prevê a necessidade de recuperar 20 milhões de hectares desmatados ilegalmente no país. Proprietários rurais têm, entre suas obrigações estabelecidas pelo Código Florestal, promover a manutenção da vegetação nativa em Áreas de Preservação Permanente (APPs) e também da Reserva Legal, cujo percentual em relação à propriedade em área de ocorrência da Mata Atlântica é de 20%.

A Lei da Mata Atlântica (Lei 11.428/2006) também é instrumento importante nesse contexto. Seu objetivo principal é assegurar direitos e deveres de cidadãos e órgãos públicos em relação à exploração consciente dos recursos naturais, considerando critérios sustentáveis. Para isso, estabelece instrumentos e normativas que criam incentivos financeiros para restauração do ecossistema, estimula doações da iniciativa privada para projetos de conservação, delimita qual o domínio da floresta, proíbe desmatamento de florestas primárias e cria regras para a exploração econômica.

Cumprir essas metas nem sempre é tarefa fácil. Pequenos e médios proprietários rurais muitas vezes têm dificuldades em recompor ou manter Áreas de Proteção Permanente ou Reservas Legais em suas terras. O custo da restauração não é barato, mas arranjos entre diversos atores, como é o caso do Florestas Ypê, podem contribuir para o sucesso dessa medida nos casos em que a falta de recursos se apresenta como entrave.

Implementar um projeto de restauração florestal é uma ação indissociável do pensar o futuro. Quem pontua é a coordenadora de Restauração Florestal da SOS Mata Atlântica, Aretha Medina:

“

Você planta uma muda pensando no futuro. Uma área restaurada fornece serviços que agregam muita coisa para o coletivo. Temos a questão dos recursos hídricos, a manutenção da biodiversidade local e regional, a contribuição para minimizar os efeitos da emergência climática, a melhoria da qualidade de vida. Trabalhar com restauração florestal é bom para a região, mas também para o planeta como um todo.”



CAPÍTULO 3

# Impactos: Resultados, Percepções e Oportunidades





Plantar um milhão de mudas de espécies nativas da Mata Atlântica em diversas áreas no estado de São Paulo trouxe, de imediato, um impacto bem importante: o estímulo ao estabelecimento e fortalecimento de uma cadeia de restauração florestal nas regiões de plantio.

Essa cadeia, para tornar a recomposição do bioma possível, envolve coleta de sementes, produção e cuidado de mudas para plantio em época adequada, além de mão de obra técnica para promover a restauração e a manutenção dessas árvores até que estejam preparadas para continuarem seu crescimento por conta própria.

A cada 100 mil mudas plantadas, o Florestas Ypê mobiliza, em média, 20 pessoas no processo de execução. Isso gera trabalho e renda nas regiões em que a ação se desenvolve. Nos projetos em parceria com a SOS Mata Atlântica, tivemos aproximadamente 200 pessoas diretamente mobilizadas para a restauração florestal com o plantio de 1 milhão de árvores.

Para o viveirista Henrique Garcia Rocha, que participa do projeto nas áreas localizadas no município de Sabino, a iniciativa é essencial para desenvolver a cadeia da restauração

ambiental no país, distribuir renda aos envolvidos e promover a melhoria do ambiente. “Os benefícios são muitos nas regiões contempladas com os plantios. A geração de empregos regionais e as demandas por prestação de serviços promovem distribuição de renda e movimentam a atividade econômica. Outro benefício essencial é a consolidação das áreas restauradas e dos serviços ambientais prestados pelas novas florestas”.

A articulação necessária nos territórios para dar início ao processo de restauração é também ponto importante a se destacar. Começa com a busca por parceiros com atuação na região, organizações da sociedade civil e demais iniciativas, passa pela divulgação de chamamentos a proprietários de médias e pequenas unidades produtivas que se interessem por recompor a vegetação em suas áreas, e segue com a apresentação do projeto em Comitês de Bacia, Conselhos de Meio Ambiente e outras instâncias participativas, variáveis em cada território.

Passa também por diagnosticar o ‘estado da arte’ da cadeia de restauração florestal na região, buscando priorizar e fortalecer os atores locais para atuarem nessa construção.

A conexão entre floresta e recursos hídricos também está presente no Florestas Ypê, que busca proteger os cursos d’água por meio da restauração das Áreas de Preservação Permanente (APPs) que envolvem os rios e nascentes e evitam erosão, assoreamento e poluição dos rios.

# Impactos regionais, para o Brasil e para o mundo

## Local/Regional

Desenvolvimento e fortalecimento da cadeia de restauração florestal da Mata Atlântica

Ampliação da biodiversidade e dos serviços ambientais prestados por ela

Proteção de cursos d'água e nascentes

Geração de trabalho e renda para cerca de 540 pessoas

Aproximação dos pequenos e médios produtores rurais dos temas da restauração e conservação do ambiente

Mobilização da atenção da população local para a restauração ambiental

## Brasil

Apoio ao cumprimento do Código Florestal na recomposição de 20 milhões de hectares

Apoio ao cumprimento da meta assumida no Acordo de Paris, de recomposição de 12 milhões de hectares de vegetação nativa

Contribuição para a recomposição da Mata Atlântica, bioma brasileiro mais degradado

## Mundo

Contribuição para atendimento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Contribuição para atendimento às Metas de Aichi

Contribuição para mitigação e adaptação à emergência climática e atendimento ao Acordo de Paris

## Vozes do campo

Uma das primeiras parceiras territoriais do projeto foi a Jaguatibaia Associação de Proteção Ambiental, localizada em Campinas e criada em 1996. O engenheiro agrônomo José Carlos Perdigão, fundador e atual presidente da organização, avalia a parceria como muito positiva para a região. “Apresentei a Fundação a um proprietário rural do território, na Área de Proteção Ambiental de Campinas (APA Campinas). A criação dessa APA foi a primeira causa da Jaguatibaia, trabalhamos para regulamentar essa Unidade de Conservação e impedimos que ela fosse degradada antes mesmo de fundarmos nossa associação”, diz ele.

O proprietário rural indicado pela Jaguatibaia abrigou, em sua unidade produtiva, a implantação de um viveiro administrado pela Jaguatibaia em parceria com a SOS Mata Atlântica, a partir de recursos investidos pela Ypê. “Esse projeto foi importantíssimo, trouxe suporte financeiro para a implantação de um viveiro para produção de espécies nativas para restauração florestal, e isso acelerou o processo de recuperação da vegetação na APA Campinas. Essa Unidade de Conservação está localizada na bacia dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (PCJ), que é responsável pelo abastecimento de água aqui na nossa região”, avalia Perdigão.

Além da produção de mudas nativas, a Jaguatibaia aproveitou a estrutura do viveiro e montou um centro regional de educação ambiental, chegando a receber 1.500 estudantes por ano. O programa “Da semente à muda, da muda à árvore”, desenvolvido pela associação, trabalhou com alunos do ensino fundamental, médio, técnico e até mesmo estudantes universitários, funcionários de empresas e grupos de terceira idade.

Entre os proprietários e proprietárias de unidades produtivas que integram o Florestas Ypê, o reconhecimento da importância dessa parceria também é unânime. É o que afirma, por exemplo, Veranice Galha Santana, 64 anos, que recebeu as mudas do Florestas Ypê desde 2018. Sua propriedade, que está localizada entre os municípios de Tietê e Boituva, tem cerca de 20 hectares e recebeu o plantio de 50 mil mudas de espécies da Mata Atlântica. “Para nós, integrar esse projeto é muito importante. Queríamos plantar, mas não tínhamos conhecimento, recursos nem tecnologia para fazer o plantio em toda a área. Nossa flora nessa região foi dizimada por canaviais e plantio de café, dentre outras culturas. Então plantar, preservar a fauna e recompor essa vegetação é algo que a gente gostaria que mais pessoas fizessem nessas áreas, que foram muito degradadas.”



Na região do Pontal do Paranapanema, o engenheiro agrônomo e pecuarista Manoel Rainho Júnior, 51 anos, se juntou ao Florestas Ypê envolvendo unidades produtivas nos municípios de Marabá Paulista, Piquerobi, Caiuá e Teodoro Sampaio. A primeira fazenda de Rainho Júnior a receber as mudas foi a Miralua, em Marabá Paulista, no ano de 2012. Lá foram plantadas 100 mil mudas. Hoje, suas unidades produtivas já receberam o plantio de 450 mil mudas de espécies nativas da Mata Atlântica

“A parceria com a SOS Mata Atlântica e com a Ypê foi muito importante. Tínhamos áreas disponíveis, mas não os recursos necessários para realizar tantos plantios. E tivemos grandes mudanças nessas áreas recuperadas. Os primeiros plantios foram realizados em Áreas de Preservação Permanente (APPs), e já percebemos o aumento do nível da água nos rios que nascem nas fazendas. Muitas aves que não víamos há tempos apareceram”, diz Rainho Júnior.

Também no Pontal do Paranapanema, Marcos Air Ramos Brito uniu-se ao projeto por meio de sua empresa de produção de mudas e reflorestamento, a Brito Ambiental. “Desenvolvemos junto aos produtores rurais da região projetos de restauração ambiental em Áreas de Preservação Permanente e de Reserva Legal. Esses projetos trouxeram contribuições muito importantes para a região, seja pelos benefícios da restauração das áreas degradadas ou pela geração de renda com empregos nos viveiros de produção de mudas. Tivemos também um grande avanço na conscientização ambiental das pessoas envolvidas.”



CAPÍTULO 4

# Aprendizados e Legado

A parceria com a Ypê é uma das mais longevas da Fundação SOS Mata Atlântica, e em parte por essa razão tem atingido resultados tão significativos na recomposição florestal no estado de São Paulo.

Além de todos os benefícios e impactos já descritos nesta publicação, destacam-se aprendizados para a própria Fundação, que passaram a ser aplicados nas relações com outras empresas.

O diretor Financeiro e de Mobilização de Recursos da SOS Mata Atlântica Olavo Garrido, destaca a transparência e a cumplicidade como mantra na relação com a Ypê: “Temos que ter transparência, tanto no acerto quanto no erro. É um processo de aprendizado que tem se consolidado ao longo de todo esse tempo de parceria. Muito do que nós desenvolvemos em termos de melhoria na gestão da restauração florestal foi pautado por essa relação - aplicativos que permitem o acompanhamento do recurso empregado pelas empresas, dos plantios, geração de relatórios, dentre outras possibilidades. Muito do relacionamento que temos com a Ypê estamos levando para o sistema de gestão que a Fundação faz de todos os seus projetos.”

Carlos Abras, coordenador de Negócios e Mobilização de Recursos da Fundação, reconhece o legado da transparência como princípio e destaca, em especial, os processos de cocriação entre as duas instituições.

“Aprendemos muito com a Ypê, e creio que isso foi recíproco. Somar conhecimentos e expertises de cada uma das partes e cocriar tem sido algo muito presente no nosso relacionamento com a Ypê, que procura entender passo a passo todo o projeto. Esse diálogo é muito propositivo e permite inovação a partir dos distintos olhares. Temos praticamente uma aliança com eles, não só para conservar e recuperar o bioma, mas para cuidar das pessoas. Esses dois pontos - transparência e cocriação - nos mostraram um caminho muito frutífero para conduzir uma parceria, e isso nós levamos para o trabalho com outras empresas na recuperação da Mata Atlântica”, avalia Abras.

Para a coordenadora de Restauração Florestal da SOS Mata Atlântica, Aretha Medina, o grande diferencial da parceria com a Ypê é o olhar a médio e longo prazo e o legado que isso vai deixar para o futuro.

“

Essa parceria trouxe a possibilidade de levar a restauração florestal em larga escala para uma região, porque o volume aportado anualmente é considerável, em torno de 50 mil mudas, cerca de 20 hectares. A Ypê tem um compromisso além da muda plantada. Firmou conosco também uma parceria no projeto Observando os Rios, para monitoramento da qualidade da água. Nossa relação não é apenas um contrato. A empresa tem uma visão de futuro, olha para o benefício que esse trabalho vai ter para as gerações futuras. Tem isso no DNA, deixar esse legado”, analisa.



# O valor da ciência

Há tempos o Brasil não refletia tanto sobre a importância e a necessidade de investir em educação e em ciência. No momento em que esse material é produzido, a degradação dos biomas brasileiros sofre um incremento bastante grande. E a ciência tem um grande desafio pela frente, que é demonstrar o quanto manter esses biomas de pé, promovendo conservação com uma exploração sustentável de seus recursos, traz benefícios para o planeta, para o clima, para a biodiversidade e para a economia.

Muitos estudos apontam nessa direção. No entanto, a decisão da implementação de políticas públicas que levem em consideração todos esses dados disponíveis está fora das mãos dos cientistas.

“A ciência consegue apontar alternativas, mas não é ela que decide qual caminho se vai seguir. Entendendo que existem múltiplos caminhos para traçar o futuro, é possível analisar cada uma das alternativas e cenários por meio de módulos matemáticos que permitem entender, por meio do melhor conhecimento que se tem hoje em dia, quais serão as consequências das decisões tomadas, e isso ajuda na tomada de decisões conscientes. A ciência basicamente é uma bússola, que vai apontar para onde caminhar de forma mais eficiente. Pode ser que exista mais de um caminho interessante. E a sociedade, o sistema político, temos que fazer as escolhas”, avalia o ecólogo Paul Metzger, cuja entrevista encontra-se no início deste relatório.

Para Metzger, ao desprezar o conhecimento científico, passamos a caminhar unicamente em função de vontades políticas, econômicas ou da opinião de algumas pessoas que em geral estão no poder. E nesse caso, o caminho se faz por tentativa e erro, no escuro. “A ciência é o que ilumina e permite fazer as melhores escolhas no caminho que queremos para o futuro.”

A recomposição de Mata Atlântica realizada pelo projeto Florestas do Futuro Voluntário da SOS Mata Atlântica se fundamenta em dados e evidências científicas e na legislação ambiental brasileira. Isso inclui a escolha de áreas, espécies nativas mais adequadas, cuidados de plantio e manutenção.

“Não se trata apenas de plantar mudas. Temos todo um trabalho prévio de estimular a produção dessas mudas, desde a escolha das espécies, a coleta das sementes, seu cultivo e transformação em mudas para que estejam disponíveis na melhor época do ano para ir a campo realizar o plantio. E também precisamos cuidar do pós-plantio, acompanhando as mudas por um período de dois a cinco anos, fazendo intervenções quando são necessárias, para que elas consigam evoluir naturalmente sozinhas a partir de um ponto”, avalia a coordenadora de restauração florestal da ONG, Aretha Medina.

Tudo isso levou a SOS Mata Atlântica e parceiros a plantar cerca de 42 milhões de árvores para restaurar esse bioma e mirar um futuro ainda mais verde.

CAPÍTULO 5

# Ampliando o olhar



Para saber mais sobre iniciativas, legislações e compromissos mencionados nesta publicação:

[Florestas do Futuro](#)

[Ypê Sustentabilidade](#)

[Código Florestal](#)

[Lei da Mata Atlântica](#)

[Acordo de Paris](#)

[Metas de Aichi](#)

[Objetivos de Desenvolvimento Sustentável](#)

## EXPEDIENTE



### Presidência

Pedro Luiz Barreiros Passos

### Vice-Presidência

Roberto Luiz Leme Klabin

### Vice-Presidência de Finanças

Morris Safdié

## CONSELHOS

### Conselho Administrativo

Clayton Ferreira Lino, Fernando Pieroni, Fernando Reinach, Gustavo Martinelli, Ilan Ryfer, Jean Paul Metzger, José Olympio da Veiga Pereira, Luciano Huck, Marcelo Leite, Natalie Unterstell, Sonia Racy

### Conselho Fiscal

Daniela Gallucci Tarneaud, Sylvio Ricardo Pereira de Castro

## DIRETORIAS

### Diretoria Executiva

Marcia Hirota

### Diretoria de Comunicação e Marketing

Afra Balazina

### Diretoria de Conhecimento

Luís Fernando Guedes Pinto

### Diretoria de Finanças e Negócios

Olavo Garrido

### Diretoria de Políticas Públicas

Maria Luiza Ribeiro

## DEPARTAMENTOS

### Administrativo Financeiro

Valdeilton de Sousa, Aislan Silva, Débora Severo, Elaine Calixto, Fabiana Costa, Ítalo Sorrilha, José Silva, Letícia de Mattos, Patrícia Galluzzi, Rosana Cinturião

### Comunicação e Marketing

Andrea Herrera, Luisa Borges, Matheus Mussolin, Yuri Menezes

### Negócios

Carlos Abras, Ana Paula Santos, Lucas Oliveira

### Políticas Públicas e Advocacy

Mario Mantovani, Beloyanis Monteiro, Lídia Parente\*

### Tecnologia da Informação

Kleber Santana

## CAUSAS

### Restauração da Floresta

Rafael Fernandes, Ana Paula Guido, Aretha Medina, Berlânia dos Santos, Celso da Cruz, Cícero de Melo Jr., Fernanda dos Santos, Filipe Lindo, Ismael da Rocha, Joaquim Prates, Joveni de Jesus, Kelly De Marchi, Loan Barbosa, Maria de Jesus, Mariana Martineli, Reginaldo Américo, Roberto da Silva, Wilson de Souza

### Áreas Protegidas

Diego Martinez, Camila Takahashi, Monica Fonseca\*

### Água Limpa

Gustavo Veronesi, Cesar Pegoraro\*, Marcelo Naufal\*

\*consultor(a)

## SEDE

Avenida Paulista, 2073 Horsa I cj. 1318  
01311-300 – São Paulo/SP  
Tel: 11-3262-4088  
info@sosma.org.br

## CENTRO DE EXPERIMENTOS FLORESTAIS SOS MATA ATLÂNTICA-HEINEKEN BRASIL

Rodovia Marechal Rondon, km 118  
Porunduva 12200-970 – Itu/SP

## ONLINE

www.sosma.org.br



### Realização

Estúdio Cais - Projetos de Interesse Público

### Coordenação

Rodrigo Bueno

### Redação

Mônica Ribeiro

### Apoio

Daniele Próspero

### Projeto Gráfico

Roger Testa

### Créditos das imagens

Capa - Kori Pence  
p.2 - Jason Leung  
p.3 - Anthony Ievlev  
p.4 e 5 - Jean Metzger  
p.6 - Rafael Araujo  
p. 8 e 9 - Acervo SOSMA  
p.13 - Antonio Visalli  
p.14 - Patrik Carlberg  
p.21 - Sebastian Molinares  
p.22 - Stephanie Moody  
p.23 - Jaime Spaniol  
p.24 - Claudio Luiz Castro  
p.26 - Sandeep Yadav  
p.30 - Kal visuals  
p.31 - Marcus Dall Col  
p.32 - Paulo Infante  
p.33 - Davi Moreira  
Contra capa - Josefin Zc

**SOS MATA  
ATLÂNTICA**



Para saber mais ou apoiar nossos  
projetos, entre em contato conosco:

[www.sosma.org.br](http://www.sosma.org.br)

[info@sosma.org.br](mailto:info@sosma.org.br)

11 3262-4088